

Jane Dempsey Douglas, *Mulheres, Liberdade e Calvino: O Ministério Feminino na Perspectiva Calvinista*, Trad. **Américo J. Ribeiro**, (Minas Gerais: Didaquê, 1995), 156 pp.

A obra de Jane Dempsey é dirigida a todos os que desejam avaliar criteriosamente o que se tem escrito sobre o papel da mulher, mais precisamente quanto ao seu ministério no corpo de Cristo. É um trabalho de pesquisa cuidadosa, rico em informações documentadas e que, por isso, deve ser estudado. Cumpre ressaltar que o interesse desta resenha não é levantar impedimentos ou buscar falhas apenas para obscurecer a importância do tema. Acima de tudo, o objetivo é respeitar a Palavra de Deus como a única fonte de autoridade — a despeito das teologias das minorias.

Já aqui faço um apelo aos leitores mais afeitos a julgamentos da obra pelas opiniões de quarta capa ou mesmo pela apresentação, que não ajam assim. Nesta obra os apresentadores, movidos pela alegria de verem uma autora escrever sobre um assunto no qual já têm uma opinião formada, tiraram conclusões mais objetivas do que a própria autora.

Dempsey afirma compreender que o caráter hierárquico (o homem exercendo autoridade sobre a mulher) encontrado em Calvino é devido ao pecado tão somente (p. 129). Por outro lado, ela conjectura sobre um futuro próximo em que a hierarquia poderá ser menor ou inexistente (p. 130). Afinal, como costuma afirmar, Calvino estava profundamente moldado pelos preconceitos de uma sociedade patriarcal.

É um fato inquestionável que o papel da mulher — e também o do homem — na sociedade tem mudado muito nos últimos anos. Essas mudanças têm sido tão significativas para a comunidade cristã, que ela enfrenta hoje o desafio de reavaliar os papéis do homem e da mulher na igreja e no lar.

O tom desafiador, ou melhor, instigador para essa reavaliação é o que se tem chamado de "feministas". Entretanto, o termo "feminista" é muito amplo. Há muitas possibilidades de classificação para efeito de estudo. A presente classificação não pretende ser exaustiva ou mesmo 'rotuladora'. Os grupos a seguir foram separados em função das idéias defendidas juntamente com o posicionamento em relação à autoridade da Escritura.

As feministas seculares não aceitam a Bíblia como autoritativa. As feministas religiosas não se identificam com o cristianismo reformado, mas apresentam crenças que incluem pontos de vista religiosos. As feministas cristãs afirmam o compromisso com a fé cristã embora aceitem a autoridade da Escritura de forma limitada. Uma categoria final de feministas são as evangelicalistas. Esta última ramifica-se ainda entre as alas tradicionais e igualitárias. A ala tradicional aceita a hierarquia encontrada na Escritura tal como se apresenta, sem excusas; e a ala igualitária não crê em hierarquia mas em igualdade de papéis.

Mesmo entendendo que a autora está trabalhando com o papel da mulher em um escopo reduzido — em Calvino —, seria de se esperar que em sua bibliografia estivessem alguns nomes importantes do movimento. Entretanto, Dempsey não apresenta citações ou quaisquer obras das que lançaram os fundamentos do feminismo evangélico como Nancy Hardesty, Letha Scanzoni, Paul Jewett, Virginia Mollenkott e Dorothy Pape. E mesmo os nomes atualmente associados ao movimento, como Gilbert Bilezikian, Mary Evans, W.

Ward Gasque, Kevin Giles, Patricia Gundry, E. Margaret Howe, Gretchen Gaebelein Hull, Craig Keener, Catherine Clark Kroeger e Richard Kroeger, Walter Liefeld, Alvera Mickelsen, David Scholer, Aida Besanson Spencer e Ruth Tucker não são encontrados. Se alguém gosta de rótulos, vai encontrar dificuldades em rotular Jane Dempsey. Ela parece estar em mais de uma ala do feminismo (exceto a evangélica conservadora – J. Hurley, S. Foh, S. Clark, G. Knight e E. Elliot). Apenas para esclarecimento um pouco mais detalhado, observe: a ala rejecionista (K. Millett, B. Friedan, e N. Goldenberg) entende a Bíblia como promotora de uma estrutura patriarcal opressora, não a aceitando como autoritativa. A ala evangélica (A. Spencer, C. Kroeger) entende que não haja um sexismo opressor nos registros bíblicos. Nesta ala encontram-se as tradicionais (hierarquistas) e as igualitárias. A ala reformista, por fim (L. Scanzoni, V. Mollenkott, E. Stanton e Elizabeth Schusser Fiorenza), assim como as rejecionistas, entende haver um chauvinismo patriarcal na Bíblia e deseja vencê-lo, mesmo que seja à custa de uma exegese de minoria. Mas o que distingue as rejecionistas das reformistas? As rejecionistas recusam totalmente a tradição judaico-cristã e inclinam-se mais para o a feitiçaria e fenômenos místicos dessa natureza. As reformistas por outro lado, embora também entendam haver uma estrutura opressora na Bíblia, permanecem utilizando-a com fins de reformá-la. Para tanto, através de uma hermenêutica 'manipulável' buscam ressaltar o papel positivo das mulheres, libertando-as das tradições proféticas. É neste ponto que a questão fica interessante, pois a ala radical das reformistas começa seu discurso de modo muito semelhante ao de Jane Dempsey, ou seja, através de uma hermenêutica de suspeição. Suspeitar de qualquer escritor ou resenhista, este não é o problema. Entretanto, o estouro se afigura maior porque a hermenêutica de suspeição é sobre os autores inspirados de Deus. Levado à consequência correta é suspeitar de que Deus tenha feito a coisa certa.

Para não frustrar os estudiosos ávidos por uma palavra final na obra, aproximem-se com calma. A obra é mais histórica, o que, para a discussão do assunto, enfraquece o trabalho, pois não apresenta um capítulo para exegese das passagens bíblicas citadas (que foram pouquíssimas). O máximo que pode ser feito é uma "analogia da fé de Calvino, segundo a autora", se aquela tiver sido a dele. Por outro lado, o trabalho torna-se importante para que se perceba a sutileza da autora, que vai lançando suspeitas nas bases hermenêuticas com uma 'doçura acadêmica'. Ela fornece, assim, subsídios para que se faça uma avaliação crítica de como as conclusões são alcançadas.

O livro, julgado pelas palavras de apresentação, parece antecipar uma discussão de tal monta, que restariam poucos sobreviventes. Na *perspectiva masculina* de Waldyr Carvalho Luz, "...o biblismo capital dos Reformadores ... a refletir o vezo cultural de seu tempo". E, de acordo com a *perspectiva feminina* de Ana Maria Coelho Rocha, "a falta de conhecimento bíblico doutrinário, de seu contexto cultural ... assim como a falta de compreensão teológica dos escritos do próprio Calvino", têm levado igrejas 'obstinadas' a interpretações tendenciosas. A professora Ana Maria deseja uma hermenêutica bíblica. Entretanto, é interessante observar sua disposição em aceitar uma conclusão hermenêutica a partir das comunidades, isto é, a interpretação correta ocorrerá com a "participação política das mulheres", uma vez que são elas as que "sofrem com a discriminação e a incongruência do corporativismo eclesiástico".

Duas apresentações. A primeira polariza culturalmente a interpretação da Escritura e a segunda faz uso de uma exegese das minorias. A despeito de haver corrido quatro séculos desde Calvino, é um equívoco supor que basta uma interação do texto com o intérprete, como sugerem as palavras "hermenêutica a partir das comunidades". É interessante que este tipo de hermenêutica combine com a proposta de Hans-George

Gadamer, que além de desprezar o autor, enfatizou a necessidade de uma fusão simples de horizontes — entre o mundo do texto original e o mundo do intérprete moderno. Entretanto, a falha continua a mesma, ou seja, não compreender que entre os dois horizontes há a perspectiva da Escritura (de Deus) na interpretação.

Dempsey explica que seu trabalho foi o fruto de ponderações sobre o fato de Calvino haver incluído o silêncio das mulheres na Igreja entre as matérias de ordem e decoro, consideradas indiferentes, matérias de lei humana, adaptáveis às circunstâncias.

- O capítulo primeiro trata da liberdade do jugo da lei, através da justificação pela graça.

O capítulo segundo lança o fundamento para uma discussão mediante a explicação do conceito de ordem de Calvino.

O capítulo terceiro coloca a discussão no contexto mais amplo do ensino de Calvino sobre o papel público das mulheres.

Os capítulos quarto e quinto voltam-se para os contextos do pensamento medieval da Renascença e da Reforma, sobre os papéis públicos das mulheres, a fim de ver onde Calvino os reflete e onde faz contribuição nova.

O capítulo sexto retoma a terceira parte da liberdade cristã que trata da liberdade para servir a Deus em obediência à sua vontade. O ponto focal é sobre servir o próximo, a interdependência de todos os seres humanos e a sua mútua responsabilidade de ajudar um ao outro."

A leitura do livro apresentará exatamente esta seqüência. As 'agulhadas' são encontradas apenas em entremeios do texto. Uma delas, para compreender como aparecem, está na página 50: "Creio ... que Calvino teve de lutar para achar um meio consistente de entender os textos bíblicos que tratam das mulheres. A mais respeitável resposta teológica da tradição que Calvino conhecia, a subordinação divina das mulheres, não se ajustava nem com a totalidade dos textos bíblicos que ele estudou, nem com as realidades sociais do mundo do século dezesseis, em torno dele." São problemas como este que o leitor terá de se defrontar. O problema neste tipo de abordagem é a abertura feita para a não existência de verdade fixa ou norma para a sociedade. É esta proximidade com o pensamento de desconstrução de Derrida, que afirma não existir essa história de verdade a comunicar, que deve nos deixar alertas. Segundo ele, tudo na linguagem está relacionado à cultura e às convenções, e estas coisas mudam muito rápido.

O conteúdo do livro de Jane faz isso. Ele induz o leitor a concluir sempre que tudo é uma questão de cultura da época, de abordagens sexistas. Após ler os dois primeiros capítulos o leitor estará maravilhado com a apresentação da discussão. São palavras acerca da liberdade e justificação que não poderiam, e não deveriam levantar suspeitas. E a citação de trechos das *Institutas* empresta credibilidade, afinal, está-se a ouvir Calvino novamente em seu ensino. Ao adentrar no capítulo 3 o leitor terá que decidir se vai opor-se à grande maioria social — da mídia em todas as suas formas —, ou seja, que a correta interpretação das Escrituras *depende* da época em que se está vivendo. Deste ponto em diante no livro a autora fará ressaltar essa questão: a limitação de Calvino à cultura do

século dezesseis.

Este ponto corresponde aos princípios de interpretação adotados por algumas feministas, chamados de *interpretação polarizada culturalmente, e relatividade cultural*. As páginas 69 e 70 são a transição para que estes pontos entrem na mente, mas, de forma sempre suave.

Os defensores do princípio de interpretação polarizada culturalmente declaram que a objetividade de interpretação é um mito. Segundo afirmam, o intérprete possui conhecimento incompleto. Ele mesmo é quem determina o que é universal e o que é culturalmente particular e ainda é quem traz a compreensão para o texto.

Esse ponto de vista mítico com respeito à natureza da interpretação objetiva é o oposto do tradicional método gramático-histórico de interpretação. O importante, afirmamos, é que o exegeta reconheça o impacto de sua própria polarização sobre sua hermenêutica e conseqüente procedimento. É nesse sentido que Walter Kaiser evidencia a importância da interpretação quando afirma que "o primeiro passo no processo de interpretação é ligar somente aquelas idéias que a linguagem do autor interligou. O segundo passo é expressar essas idéias compreensivelmente" ("*Legitimate Hermeneutics*" in *Inerrancy*, ed. por Norman Geisler, Grand Rapids: Zondervan, 1979, p.118).

Quanto ao princípio de relatividade cultural, o problema não está no princípio em si, mas na extensão que se faz dele. Como determinar o que é cultural ou normativo, entretanto, requer ampla discussão.

Três considerações finais. A primeira: por quê a Didaquê começou no mercado editorial, na área de livros por assim dizer, com um material tão exaltado na apresentação, sem qualquer visão crítica positiva para a igreja, quando há muitas questões a considerar? A segunda: é verdade que todos têm alguns pontos de vista preconcebidos, mas, diante de fatos normalmente mudam de opinião. Assim, é nosso dever evidenciar qualquer processo interpretativo que deseje trabalhar baseando-se em hipóteses erradas. As suposições equivocadas trarão falsos resultados, e esta é precisamente a avaliação do que este livro apresenta. A terceira: é verdade que as mulheres sofreram e têm sofrido seriamente por causa de erros culturais e mesmo por interpretações da Escritura que as mantiveram num papel aquém do descrito biblicamente. E isto não está longe. Basta olhar para trás que ou a mãe ou a avó terão vivenciado este processo. Entretanto, é preciso maior cautela por parte das mulheres (uma vez que estão organizadas em movimentos). O momento emocional histórico e o volume de idéias preconcebidas são grandes. Às mulheres cumpre não sucumbir ao desejo de interpretar a Escritura a partir das discriminações sofridas. Uma destas tentativas foi feita em um Congresso realizado nos EUA em 1993, em que as mulheres "reimaginaram" Deus como sendo "nossa criadora Sofia". O que parecia *apenas* uma diferença de opiniões trouxe à tona uma idolatria grosseira.

— Tarcízio José de Freitas Carvalho